



Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

RECORDANDO O PROF DR. ROBERTO DE CARVALHO NO CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO: 3/5/1893 — 3/5/1993.

RAMOS, Albano

Ano: 1994 | Número: 104

Como citar este documento:

RAMOS, Albano, Recordando o Prof Dr. Roberto de Carvalho no centenário do seu nascimento: 3/5/1893 — 3/5/1993. *Revista de Guimarães*, 104 Jan.-Dez. 1994, p. 243-272.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Recordando o Prof. Dr. Roberto de Carvalho no centenário do seu nascimento: 3/5/1893 – 3/5/1993

Albano Ramos *

Revista de Guimarães, n.º 104, 1994, pp. 243-272

Joaquim Roberto de Carvalho nasceu na cidade de Guimarães, na freguesia de S. Sebastião, a 3 de Maio de 1893 e faleceu no Porto a 27 de Novembro de 1944, com algo mais de 51 anos de idade.

Por altura do seu falecimento, tive ensejo, com a colaboração do Prof. Hernâni Monteiro, de assinalar no *Arquivo de Patologia* ¹ o infausto acontecimento, analisando, de modo minucioso, a carreira do ilustre desaparecido. O mesmo fiz noutras publicações, algumas das quais de menor difusão e mais abreviadamente. Outros assinalarem o facto, no país e fora dele. Destacarei, a este propósito, a publicação do seu condiscípulo e amigo fraternal, e seu médico assistente, Prof. M. Cerqueira Gomes no “JORNAL do MÉDICO” ² e a de Prof. Gil y Gil, na *Medicina Española* ³ e noutras revistas de Espanha.

No dia 27 de Novembro de 1945, um ano exacto sobre a data de falecimento de Roberto de Carvalho, participei com Hernâni Monteiro e Álvaro Rodrigues na sessão solene que a S.P.R.M.N. promoveu na Faculdade de Medicina do Porto, e que foi simultaneamente dedicada ao cinquentenário da descoberta dos raios X, centenário de Roentgen e a Roberto de Carvalho no primeiro aniversário da sua morte.

* Professor catedrático jubilado da Faculdade de Medicina do Porto.

¹ Vid. *Arquivo de Patologia*; Vol. XVI, nº 3, Dez. de 1944.

² Vid. *Jornal do Médico*; 5º ano, Vol. 5, pág. 167, 30 Dez. de 1944.

³ Vid. *Medicina Española*; ano VII, tomo XII, pág. XIV, 1944.

Agora, na passagem do centenário do seu nascimento, e nesta oportunidade, recordarei de novo a figura do insigne radiologista que, do ponto de vista profissional, foi portuense, mas que nunca esqueceu a sua terra de origem, como o demonstrou por palavras o actos até à hora do seu falecimento. E faço-o para que se mantenho vivo a sua lembrança, como sempre o tenho feito ao longo de quási meio século, nomeadamente ao regista-lo para a posteridade no “Livro de Honra dos Radiologistas de todas os Nações” ⁴ vítimas ou mártires do trabalho com radiações ionisantes, cuja segunda edição foi publicada em 1959 por Holthusen, Meyer e Molineus e onde se abrangem desde médicos, criadores notáveis de radiologia e verdadeiros pioneiros, até aos colaboradores mais modestos, como técnicos e enfermeiras, qualquer que seja a sua raça ou religião e que são, para além do livro que referi, recordados num monumento existente em Hamburgo, isto é, na pátria do próprio Roentgen; ou ainda e sempre que o ensejo se me proporcionou perante os alunos de Semiótica Radiológica da Faculdade de Medicina do Porto, cujo ensino Roberto de Carvalho iniciou em 1926-1927 e a que me coube a honrosa e difícil tarefa de lhe der continuidade.

Roberto de Carvalho nasceu a 3 de Maio de 1893, como acima lembrei e a descoberta dos raios X haveria de suceder a 8 de Novembro de 1895 ⁵, portanto cerca de 2 anos e meio depois do seu nascimento, justamente num período em que decorriam investigações *aturadas sobre as descargas eléctricas* em tubos de gás rarefeito e que haveriam de conduzir à descoberta dos raios X, culminando assim trabalhos de mais de dois milénios. Consequentemente, Roberto de Carvalho nasceu e fez-se Médico na fase inicial do desenvolvimento da radiologia médica, isto é, no seu primeiro quarto de século, fase esta em que os médicos de todo o mundo seguiam com alvoroço o alargamento das possibilidades de aplicação dos raios X à Medicina. Não admira, pois, que Roberto de Carvalho se interessasse e apaixonasse, como veio a suceder, por este ramo da Medicina em

⁴ Vid. *Ehrenbuch der Rontgenologen und Radiologen aller Nationen*. Herausgegeben von H. Holthusen, H. Mayer und W. Molineus. 1959. Urban & Schwarzenberg. München und Berlin.

⁵ Já antes desta data se haviam produzido, acidentalmente, raios X, como sabemos, e até fixado imagens, mas sem que se tivessem reparado no facto. Com efeito, Goodspeed e William Jemings fizeram a primeira fotografia com raios X em 22 de Fevereiro de 1890, na Universidade da Pennsylvania. É de lembrar também que foi Goodspeed quem primeiro utilizou o termo “radiologia”. Vid. *Radiology*; Vol. 181, nº 3, pág. 635.

pleno desenvolvimento, – tal como sucede no fase actual –, ramo que, como veremos, era o que mais me coadunava com as suas tendências, uma vez que não seguiria a engenharia electrotécnica, especialidade para a qual também penderia a sua natural inclinação e da qual seria desincentivado, dado a idade e a precária saúde de seu pai.

Durante este período inicial, isto é, – Q primeiro quarto de século após a descoberta – operaram-se muito importantes aperfeiçoamentos, que recordarei de modo sumário no domínio da radiologia, aperfeiçoamentos que permitiram que Roberto de Carvalho iniciasse uma nova radiologia no meio portuense, como veremos mais longe.

Foi nesta fase inicial da Radiologia que apareceu a ampola de Coolidge (1910), ampola que já em 1912 tinha uso praticamente generalizado, descoberta esta que trouxe consigo consequências de grande alcance, tais como a redução de foco e da radiação inútil, para melhor protecção do paciente, e maior nitidez das imagens, assim como a protecção da alta tensão. Foi também nesta fase que se aperfeiçoaram os diafragmas, nomeadamente as grelhas e destas primeiro as estacionárias (*Bucky* – 1913) e a seguir as móveis (*Potter* – 1917); que se melhoraram as condições de rectificação da corrente com o aparecimento dos Kenotrons (1914) e já na década de 20, mais precisamente em 1928, apareceu o primeiro gerador trifásico, da Casa Siemens, de 2000 mA e 80 Kv, aparelho de que Roberto de Carvalho adquiriu uma das duas unidades existentes fora da Alemanha. Foi essa a fase em que apareceram os écrans de reforço (1916 – *Paterson*, 1922 – *Kodak*) e a da substituição das chapas de vidro por filmes flexíveis, nomeadamente de emulsão dupla (1918). E, logo após a descoberta de *Roentgen*, a estereoradiografia, por *Elihu Thomson* (1896), modalidade que Roberto de Carvalho haveria de utilizar com muito interesse e para a qual instalou apetrechamento especial, dispondo mesmo de um posto próprio para estereora-diografia pulmonar e publicando cedo sobre a matéria ⁶.

⁶ Vid. *Boletim Clínico do Hospital Geral de Santo António* – Ano I, nº 1, pág. 134-153, 1928. Este número 1 do Boletim é já a terceira publicação dos Médicos do Hospital de Santo António, dado que a primeira foi a *Gazeta Médica do Hospital Real de Santo António*, iniciada em 1859 e dela saíram nove números; a segunda foi a *Revista de Medicina e Cirurgia do Hospital da Misericórdia do Porto* e dela saíram 19 números. Na terceira, de 1928, a que corresponde o número 1 colaborou Roberto de Carvalho com duas comunicações, uma sobre “microgastrias” e outra sobre

Logo que Roberto de Carvalho se instalou dispunha dos melhores recursos da época nas áreas do diagnóstico e da terapêutica, de tal maneira que, como lembra Cerqueira Gomes no artigo já citado, “o aparecimento dos seus trabalhos provocara um momento de emoção; em boa verdade começava entre nós a radiografia. Eram novas aquelas imagens; não estávamos habituados a recortes assim vivos, ao mesmo tempo que começávamos a ouvir entre nós falar das bexigas e úteros que deixavam de sangrar pelos raios X, e dos tumores que fundiam ou regressavam debaixo de uma ampola de Coolidge”.

E pelo vida fora, aliás curta que coube viver a Roberto de Carvalho, sempre actualizou a sua aparelhagem, tal como seguiu as reuniões médicas dedicados à radiologia, tais como cursos e congressos, seja como assistente, seja como participante, ao mesmo tempo que mantinha uma colecção de revistas e livros que lhe permitiam perfeita actualização dos progressos de radiologia mundial.

Posso, a este propósito, depor como ninguém, dado que durante 5 anos e 7 meses que com o Mestre convivi, dia a dia e não raro mais de 10 horas em cada jornada, nunca lhe sugeri um livro novo que acabasse de ser publicado, que não ordenasse sem demora a sua aquisição.

* * *

Joaquim Roberto de Carvalho nasceu, como já lembramos, na cidade de Guimarães e aí frequentou o Seminário-Liceu até ao 5º ano, de 1907 a 1911. Ao mesmo tempo, na mesma cidade, estudou na Escola Industrial Francisco de Holanda, escola onde fez os cursos de Desenho, Química e Física⁷. Daí foi para a cidade do Porto em 1911, matriculou-se no Liceu Rodrigues de Freitas, onde fez em 1911-1912 o 6º e 7º anos conjuntamente.

Em 1912 passou à Faculdade de Ciências onde cursou o F.Q.N.. De 1912 a 1918 frequentou a Faculdade de Medicina. Em 1919, a 30 de Julho, defendeu tese de doutoramento na respectiva Faculdade com

“estereoradiografia”, além de Ter tomado parte em várias discussões de outras, de entre elas as quais numa delas falou sobre a primeira mielografia praticada no Porto.

⁷ Esta Escola Industrial foi solicitada ao Governo no relatório final da Exposição Industrial de 1884, exposição da iniciativa da Sociedade Martins Sarmiento e criada por decreto do Governo de 3 de Dezembro do mesmo ano.

um trabalho sobre “O valor de Radiologia ureteropielorenal” em que obteve a classificação de M.B. (dezanove valores).

Há, até esta fase, dois factos que merecem ser sublinhados. O primeiro refere-se à frequência da Escola Industrial Francisco de Holanda. O segundo diz respeito à circunstância de, ainda estudante de Medicina, por decreto de 17 de Agosto de 1917, ter sido nomeado 2º assistente do Laboratório e Museu de Anatomia Patológicas e seu preparador em Julho de 1919.

A frequência da Escola Industrial Francisco de Holanda favoreceu-lhe o despertar de aptidões que tiveram repercussão evidente no seu futuro; o segundo, como veremos também, endereçou-o no sentido da Radiologia e da Faculdade de Medicina.

Roberto de Carvalho era dotado de raras aptidões musculares, cultivadas desde a infância, as quais ficaram registadas em trabalhos do Prof. J. A. Pires de Lima ⁸, num dos quais referindo-se-lhe diz “que adquiriu uma agilidade extraor-dinária e uma aptidão notável para delicados trabalhos manuais. É um distintíssimo radiologista – a observação refere-se à idade de 31 anos de Roberto de Carvalho – toca piano e violino e desenha, e tem acentuado espírito inventivo e grande habilidade para trabalhos mecânicos. Imaginou um novo modelo de fonendoscópio e um engenhoso aparelho de anestesia ⁹ e manipula ao torno os instrumentos que inventa ou aperfeiçoa, pormenores estes a que aludiremos mais adiante.

No que se refere ao segundo aspecto lembrarei que a sua tese de doutoramento foi, em parte, preparada no Laboratório de Anatomia Patológica, local em que trabalhava. Nessa tese analisa a técnica radiológica, os aparelhos necessários e os seus acessórios imprescindíveis, aprecia a formação das imagens radiográficas, a preparação dos pacientes, a técnica fotográfica, a observação dos clichés, o seu resultado e faz a apreciação do método e apresenta alguns casos clínicos e observações *in vitro*, executadas estas com um antiquado aparelho de raios X, que havia sido legado à Faculdade de

⁸ Vid. J. A. Pires de Lima – *As Anomalias dos membros nos Portugueses*; Colecção “Natura” – Porto, 1927. Araújo e Sobrinho Suc.

⁹ Roberto de Carvalho praticou durante curto tempo a anestesia, fase em que concebeu o aparelho de anestesia que denominou de *cloroeterizador*, aparelho que permitia utilizar o éter ou o clorofórmio separadamente ou os dois anestésicos na desejada mistura, e que publicou na *Presse Medicale* de 18 de Janeiro de 1921.

Medicina do Porto, pela Família de Jaime de Almeida, vitimado pelo tifo exantemático, em 1919, aparelho que Roberto de Carvalho recuperou e com o qual executou os estudos *in vitro*. Na mesma tese apreciou também as causas de erro a que a radiologia está sujeita e nela tece considerações de ordem geral sobre o valor da radiologia, seja no diagnóstico seja na terapêutica.

Antes de prosseguir na análise, ainda que sumária, do seu currículo de radiologista, é de registar que Roberto de Carvalho demonstrou desde cedo aptidões para fora da Medicina que o podiam ter conduzido a outra orientação profissional, como já afloramos. Assim, as suas tendências no domínio da Física e Química, adivinhavam-se já, dado que sabemos que desde muito novo experimentava os efeitos dos choques eléctricos nos focinhos dos gatos, quando estes procuravam a manteiga que ele, ainda menino, colocava sobre chapas de lata ligadas à corrente eléctrica, gerada por pilhas que ele próprio preparava, ou experimentava reacções químicas autorizadas pelo seu mestre na Escola Industrial de Francisco de Holanda.

A par desta predilecção pela físico-química também o seduzia a música. Estudou violino, piano e harmónio, como já sabemos através da informação do Prof. J. A. Pires de Lima. A este propósito recordarei que na loja paterna, ainda criança, fazia a demonstração à clientela das possibilidades dos instrumentos que o pai também vendia e assim ajudava no negócio.

Mais tarde, já estudante de Medicina ou mesmo licenciado, não abandonou esta predilecção. Com efeito, sabemos que durante o seu treino no Banco de Urgência no Hospital de Santo António, abandonava por momentos esta sua actividade e ia ao Teatro de Carlos Alberto, situado bem perto, tocar entre cenas o número que lhe competia, para regressar de seguida ao trabalho hospitalar. E é sabido também que dirigiu orquestras em vários teatros, durante os seus estudos, trabalho este que lhe permitia a sua independência, ainda que não tivesse verdadeira necessidade disso.

E, a par desta actividade quase profissional, deleitava, nas suas horas vagas, os amigos, com o seu acordeão. Assim, por exemplo, entrava na casa do Prof. Hernâni Monteiro abraçado naquele instrumento, tocando as mais variadas melodias e, como recordou o *Prof. Marques dos Santos*, durante o estágio que efectuara em Bordéus

e a que aludiremos mais adiante, entretinha o seu Mestre Bergonié com as mais belas rapsódias minhotas ¹⁰.

A mesma predilecção é ainda lembrada pelo Prof. M. Cerqueira Gomes, quando assinala que, a par de executante, também compôs música para peças de teatro, que aquele seu condiscípulo escrevia e Roberto de Carvalho musicava, peças destinadas a certas festas de alunas de Colégios e que os dois ensaiavam.

Já vimos atrás que Roberto de Carvalho tinha rara aptidão para solucionar problemas mecânicos: concertava relógios, máquinas de projecção, fonendoscópios, que muito úteis foram durante a 1ª guerra e que eram tão bons como os de Bazzi e Bianchi. E, além disso, como já vimos também, concebeu um aparelho de anestesia e um dispositivo para a prática de clisteres ¹¹, aparelhos que conservo, bem como o torno de que se servia para os seus trabalhos e que lhe fora oferecido por um mecânico da sua terra natal.

Estas, sumariamente relatadas, são algumas das aptidões de Roberto de Carvalho, – que também fez caricatura –, fora da Radiologia. Mas é nesta especialidade que foi verdadeiramente grande, para alguns mesmo o primeiro radiologista português do seu tempo.

O que se pode dizer, sem que mereça controvérsia, é que, no Norte do país, com o seu aparecimento, foram delimitadas duas épocas nesta especialidade: o período *antes* e o período *depois* de Roberto de Carvalho, tal foi a transformação que o seu modo de trabalhar originou. E como conseguiu Roberto de Carvalho a sua preparação? Retomemos a análise do seu currículo, ainda que sumariamente.

Já vimos que, para a elaboração da sua tese de doutoramento, se serviu,, para além de possibilidades que não eram as suas – os casos clínicos resultaram de imagens do Dr. Feteira – e o que fez de pessoal provinha da aparelhagem de que dispunha no Laboratório de Anatomia Patológica, aparelhagem que recuperou e que apenas permitia exames radioscópicos e a possibilidade de radiografar algumas peças anatómicas, facto que o levou a sugerir ao Conselho Escolar da sua Faculdade, a instalação de um gabinete com

¹⁰ Vid. Marques dos Santos – conferência na Associação dos Médicos do Centro de Portugal em 26 de Janeiro de 1925.

¹¹ Vid. Aparelho para clisteres radiológicos. Comunicação no Congresso Nacional de Medicina. Junho de 1927, in *Revista de Diagnóstico y Tratamiento Físicos*; Barcelona n^{os} 15/6, 1927.

aparelhagem moderna, que permitisse aproveitar à clínica, instalação cuja direcção, uma vez conseguida, lhe viria a pertencer.

Em Janeiro de 1920 Roberto de Carvalho iniciou os seus estudos de radiologia no estrangeiro, na Faculdade de Medicina de Bordéus, onde teve como professor o Dr. *Bergonié* e onde obteve o diploma do curso completo de Radiologia da mesma Faculdade, Mestre que lhe ficou sempre afeiçoado e com quem, a seu pedido, continuou a trocar correspondência e a quem escreveu também, após a sua última amputação, por causa profissional e de quem viria a deixar-nos a notícia do seu falecimento no *Portugal Médico de 1925* a pág. LIX. De seguida passou a assistir em Paris aos cursos de Radiologia do Dr. *Béclère*; de Radiologia e Pielografia do Dr. *Papin* no serviço de Professor Legueu e de Radiodiagnóstico pulmonar do Dr. Maingot, no Hospital Laennec, cursos estes em que lhe foram atribuídos os respectivos certificados.

Em 1921 frequentou o curso de Roentgenterapia dos Professores *Seitz* e *Wintz* em Erlangen, e em Francfort o serviço de radiodiagnóstico do Dr. Holfelder.

Em 22 de Julho de 1924 foi proposto sócio correspondente da *Société Française d'Electrotherapie et de Radiologie* pelos Drs. Nemoúr e Moutard, ano em que estava ainda longe a formação da Sociedade de Radiologia Médica de Portugal, que data de 1931 e da qual não haveria de ser sócio, ao contrário do que sucederia com outras sociedades nacionais ¹².

Em Outubro de 1925, reconhecida a sua especialização radiológica, a que se vinha dedicando desde 1919, foi proposto pelo Conselho da Faculdade de Medicina do Porto, para a regência do Curso Especial de Radiologia, sendo o respectivo contrato referendado por despacho ministerial de 4 de Fevereiro de 1926 ¹³.

A primeira lição que deu ao curso de 1926-1927 encontra-se publicada e nela sumaria a história da Radiologia, aponto o auxílio que os Raios X prestam ao médico e ao cirurgião nas diferentes afecções dos aparelhos respiratório, circulatório, digestivo, genito-urinário, sistema

¹² Foi sócio de outras sociedades médicas, tais como a Sociedade Portuguesa de Urologia, a Sociedade Portuguesa de Biologia e a Sociedade de Anatomia Portuguesa.

¹³ O Conselho Escolar da F.M.P. em sessão de 7-10-1925 dada a importância da Radiologia no ensino médico resolveu propor a transformação do Curso de Estomatologia em Curso de Radiologia. Estava satisfeita a aspiração que havia expresso na sua tese de 6 anos antes.

ósseo, etc. e documenta a lição com radiografias de casos clínicos do seu arquivo.

Não refere a data precisa em que a lição foi proferida. Diz nela, contudo, “que fez há pouco exactamente 32 anos que os raios X foram descobertos”, o que faz supor tenho sido exposta pouco depois de 8 de Novembro de 1926 ¹⁴.

Era então já um radiologista de fama, dado que desde 1921, quando do regresso dos estágios no França e Alemanha, montou, por suas próprias mãos, na Praça de Santa Teresa, hoje de Guilherme Gomes Fernandes, o seu primeiro Gabinete de Radiologia, para diagnóstico e terapêutica, e também para Electrodiagnóstico e Electroterapia. Mais tarde, em 1929, a grande clientela que procurava Roberto de Carvalho exigia mais amplas instalações e então realizou o sonho que desde há muito acalentava, transferindo o consultório para o n.º 92 da mesma praça, ampliando-o e dotando-o de nova aparelhagem, clínica esta que descrevemos por altura do seu falecimento e que publicamos no Arquivo de Patologia, inicialmente citado.

Em 1929 prestou provas para professor auxiliar – professor extraordinário na designação actual – e prosseguiu no ensino só, dado que o quadro não comportava mais elementos, que não fossem exclusivamente voluntários, o que nós mesmo começamos por ser.

Roberto de Carvalho utilizava no ensino radiografias e diapositivos de pacientes da sua clínica e levava os alunos ao seu consultório particular para verem os aparelhos em funcionamento¹⁵.

Os diapositivos eram executados por si próprio na sua clínica, em instrumental da sua propriedade, com o qual se apetrechara.

Foi Roberto de Carvalho o primeiro professor de Radiologia Médica em Portugal, dado que só muitos anos depois concorreram em Lisboa, ao título de professores agregados, Benard Guedes, Aleu Saldanha e Pereira Caldas e, ainda mais tarde, Carlos Santos e depois Ayres de Sousa, concursos dos três primeiros em que Roberto de Carvalho ainda participou como membro do respectivo júri, apesar de já doente.

¹⁴ Roberto de Carvalho – *Lição de abertura do Curso de Radiologia na Faculdade de Medicina do Porto de 1926-1927*; Papelaria Modelo, 1927 – Porto.

¹⁵ Também ali iam alunos do liceu e mesmo da Faculdade de Medicina de Coimbra.

Em 1932 efectuou novo estágio na Alemanha, desta vez em Munique, com Stumpf, para se dedicar à cimografia, método que não só utilizou na prática clínica, como em vários aspectos na investigação experimental.

E quando regressou desse estágio já trazia consigo o que julgo ter sido o primeiro cimógrafo do país e uma vez senhor desta técnica deu conferências em Portugal e Espanha, versando temas de clínica e de experimentação sendo nestas, em boa parte, associado com Álvaro Rodrigues.

Durante a sua carreira relativamente curtas faleceu em 27/11/1944 – vitimado por uma hipertensão maligna – radiografou e tratou de 1921 a 1944 muitas dezenas de milhares de doentes, provenientes particularmente da área situada a Norte do Mondego, mas também de todo o país, ilhas e províncias ultramarinas, assim como do Brasil e Espanha e desta particularmente da Galiza, e publicou mais de uma centena de trabalhos, só ou em colaboração com outros colegas, de que destacamos Hernâni Monteiro, Amândio Tavares, Álvaro Rodrigues, Sousa Pereira, Cerqueira Gomes, Silva Pinto e eu próprio, etc. etc. e que recordamos minuciosamente no notícia necrológica do *Arquivo de Patologia*, já várias vezes citado.

As publicações de Roberto de Carvalho abrangiam temas variados de diagnóstico ou de radioterapia, no que se refere aos temas clínicos; e também temas de radiologia na experimentação e de anatomia radiográfica.

No respeitante aos temas clínicos, e no que se refere a alguns deles, apresentou-os previamente nas mais variadas assembleias. Assim, levou-os às Reuniões do corpo Clínico do Hospital de Santo António, e às Reuniões de Serviços da Faculdade de Medicina ou às Reuniões Científicas da mesma Faculdade e às da Associação Médica Lusitana, ou ainda ao Congresso Nacional de Medicina ou às Reuniões da Sociedade Anatómica Portuguesa, etc. disseminando assim a Radiologia particularmente no meio portuense.

Outros trabalhos levou-os a reuniões internacionais, tais como o Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências ou ao Congresso Internacional de Radiologia, etc.

No que se refere à radiologia na experimentação foi um valioso colaborador do Laboratório de Cirurgia Experimental, criado pelo Prof. Hernâni Monteiro, onde se ocupou da montagem e da utilização de um gabinete radiológico privativo, montagem em que teve de valer-se das

suas raras aptidões técnicas, em face dos trabalhos a realizar, para que a instalação se adaptasse às condições dos animais.

Aqui desenvolveu larga actividade nas pesquisas de angiografia no animal vivo, seja no domínio arterial, venoso e linfático e seja ainda nas repercussões da cirurgia do sistema simpático sobre os vasos. Mas os trabalhos estenderam-se a outras áreas.

Foram aí efectuados estudos sobre o sistema nervoso central e periférico, sobre o canal deferente, epidídimo e vesículas seminais e ainda na área da cimiografia experimental, respiratória e cardiovascular, etc. etc.

É importante acentuar que estes trabalhos, antes de existir a instalação da “cirurgia experimental”, eram executados na sua própria clínica, onde eram transportados os animais vivos ou as peças anatómicas. A título de exemplo mencionarei que os primeiros trabalhos de linfangiografia no vivo foram aí executados.

A par das publicações numerosas que abreviadamente mencionamos e que foram minuciosamente recordadas, após o seu falecimento, *no Arquivo de Patologia* já anteriormente mais do que uma vez citado, Roberto de Carvalho pronunciou mais de duas dezenas de conferências, a maior parte no país (Porto, Coimbra, Viana do Castelo) mas também no estrangeiro, nomeadamente em Espanha (Santiago de Compostela, Lugo, Vigo e Madrid, etc.).

Justamente na capital espanhola, a convite oficial do catedrático de Madrid, Prof. Gil y Gil, pronunciou pouco antes do seu falecimento e já afectado pelo mal que o havia de vitimar, três conferências em que se ocupou respectivamente do *estudo do apêndice, dos problemas terapêuticos do cancro da mama e da Radiologia na investigação*, conferências estas que constituíram o seu último sucesso além-fronteiras e que foram ditas, as duas primeiras na Faculdade de Medicina de Madrid e a última na Academia de Medicina da mesma cidade.

Esta foi mais uma das modalidades de que o Mestre se servia para a difusão da Radiologia e de que outra foi a instalação de vários serviços de radiologia.

Assim, instalou os de Vila Nova de Cerveira, de Armamar, de Ovar, de Viana do Castelo, da Casa de Saúde da Boavista, no Porto, do Laboratório de Cirurgia Experimental, da Faculdade de Medicina, no Hospital de Santo António e o do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães. Destes destacarei o de Guimarães, sua

terra natal, inaugurado já depois do seu falecimento, em 14/10/45, posto de radiologia este a que foi dado o seu nome e para cuja criação deu contributo decisivo, como se pode ver nos “Notícias de Guimarães” de 14/10/45 e 10/2/46.

Com efeito, não só propôs o modo como conseguir os meios para a sua instalação, como sugeriu o melhor modo de dar satisfação aos anseios dos vimaranenses, médicos e não médicos, nesse domínio.

A maneira como pensava que este assunto poderia ser resolvido foi exposta em carta endereçada ao Sr. Director do Notícias de Guimarães, carta que foi publicada nesse jornal em 14/10/45, após a sua morte, dado a confidencialidade que nela pedia. Nessa carta afirmava entre outras coisas o seguinte: “... O problema, porém, não está, como *pensam os leigos*, em adquirir um bom piano. Primeiro é preciso conhecer música; depois executar e imprimir qualquer coisa de pessoal, com ciência e consciência...”

“Penso em dotar a Misericórdia de Guimarães com algum material que possuo, mas só o farei quando souber de alguém capaz de mostrar competência”.

Foi assim que foi estagiar para a sua clínica o Dr. João Mota Prego de Faria, já falecido – meu amigo e a quem nesta hora rendo homenagem – que foi quem primeiro ocupou o lugar de radiologista daquela instituição.

Vê-se, pelo que fica dito, que Roberto de Carvalho procurou ajudar na difusão da Radiologia do Norte do país, sem se preocupar com o facto da clientela dessas regiões, que procurava a sua clínica particular, por elas lá ficasse. A única preocupação que tinha era, como já vimos, que a radiologia fosse executada por pessoal de qualidade, isto é, com formação perfeita, como desde sempre exigiu. Neste sentido, o seu consultório, como escreveu Cerqueira Gomes, no Jornal do Médico, era uma verdadeira Escola de Radiologistas.

Ao longo do tempo passaram pelo sua clínica, José Pereira Caldas ¹⁶ mais tarde Prof. Agregado e director de serviço dos Hospitais

¹⁶ Na alocução proferida na sessão inaugural da Sociedade Portuguesa de Radiologia Médica, em 1940, PEREIRA CALDAS, então Presidente, destacou, dentre os radiologias portugueses, o Dr. ROBERTO DE CARVALHO, “não por menos consideração pelos outros, mas porque foi por sua mão que dei os primeiros passos na radiologia”. E acrescentou: “ROBERTO DE CARVALHO é alguém, técnico excepcional, cheio de qualidade de carácter, bondoso e ao mesmo tempo voluntarioso, que venceu na vida profissional não por favores alheios, mas unicamente pelo seu esforço e pelos seus dotes”. Vid. *Bol. da Soc. Port. de Rad. Méd.*, 1940.

Civis de Lisboa, o qual nunca deixou, ao longo da vida, de encarecer os ensinamentos que recebera de Roberto de Carvalho. Por aí passaram também, recomendados pelo Prof. Francisco Gentil, que tinha pelo Mestre portuense elevada consideração, como veremos mais longe, o Dr. Carlos Sílvio Rebelo, que foi director do Serviço de Radiologia do Instituto Português de Oncologia, em Lisboa, e o Dr. Júlio de Abreu, irmão do insigne radiologista brasileiro, Manuel de Abreu, já falecido, que à radiologia mundial deu muito úteis contribuições e que era amigo pessoal de Roberto de Carvalho. Por lá passaram também os Drs. Sousa Oliveira, Afonso Martins e Mota Prego de Faria, já referido, que dirigiram respectivamente os Serviços da Casa de Saúde da Boavista, do Hospital de Ovar e do de Guimarães, como já atrás lembramos, para além de quem redige estas linhas, que ficou com o Mestre até ao seu falecimento e lhe deu continuidade.

Também na clínica particular de Roberto de Carvalho, que sempre esteve ao dispor da Faculdade de Medicina, como provam vários ofícios do Conselho Escolar ou de directores de Serviço das clínicas que funcionavam no Hospital de Santo António, se efectuaram algumas teses, de que recorde o doutoramento académico de Oscar Ribeiro e a do próprio autor destas linhas, que embora elaborado vários anos após o seu falecimento, utilizou muito material dos seus arquivos.

* * *

São estes os aspectos essenciais resultantes da actividade de Roberto de Carvalho em prol de radiologia médica, seja como criador seja como difusor nesse domínio. Mas, como vimos inicialmente, também Roberto de Carvalho manifestava as suas capacidades no domínio de arte, seja como executante, criador ou crítico. Recordaremos que também na área da Radiologia dela se aproveitou para tratar de um aspecto artístico. Na verdade Roberto de Carvalho utilizou os raios X no estudo de quadros antigos, o que fez associado ao Dr. Pedro Vitorino, também ele radiologista e seu companheiro no Serviço que, no Hospital de Santo António, prestava assistência radiológica às enfermarias escolares e de que já me ocupei noutra oportunidade, por acaso também ao assinalar o *centenário do seu nascimento* ¹⁷.

¹⁷ Separata do *Jornal do Médico* – CXII (2031): 396-406, Maio de 1983.

Nas investigações a que procederam utilizando os raios X no estudo de quadros antigos foram os introdutores desse método de análise em Portugal, consoante assinalou Reis Santos e os seus trabalhos são citados por Gillardoni, Orsini e Taccani, como já recordei, quando me ocupei de Pedro Vitorino no trabalho anteriormente citado.

Um destes trabalhos sobre as “Revelações dos raios X nos quadros antigos” – foi publicado na *Revista de Guimarães*, revista que esta prestimosa instituição edita e da qual Pedro Vitorino era um assíduo colaborador, tendo aqui dado à estampa, entre 1921 e 1944 – ano do seu falecimento – 34 estudos, sobretudo na secção “Museus, galerias e colecções”.

Roberto de Carvalho não era um apaixonado pela literatura. Aliás, se na sua biblioteca profissional dispunha, como vimos, do que era necessário para uma correcta informação, no caso da literatura pode dizer-se que ela era pobre. O tempo que viveu foi quase todo investido na área profissional e não viveu o que bastasse para outras divagações. Ele próprio confessou, na carta de 13/6/42 publicado no *Notícias de Guimarães* de 14/10/45, quando escreveu ao seu director: “Desculpe as incorrecções de linguagem e escrita. O tempo não me deixa vagar para pentear os frases ou escrever segundo a última moda, a que ainda não me habituei”. Mas a despeito de assim dizer escrevia com correcção e por vezes com sensibilidade.

Nas horas livres, que eram muito poucas, gostava de teatro, de cinema e particularmente de circo. Lembro-me de me ter relatado que em Paris, em plena guerra, para assistir a um espectáculo de circo correu sérios riscos, tal o desejo de nele se distrair.

Como professor preparava as suas lições com minúcia e nas suas aulas e conferências, era um expositor preciso e um rigoroso cumpridor, dos seus horários. E nos exares era justo nas classificações dos seus alunos, alunos por quem era adorado e querido. Não esconderei ser minha convicção que foram alguns destes predicados que nos aproximaram.

Roberto de Carvalho era de uma inteligência clara e dotado de vincado sentido prático que se fazia sentir desde o seu modo de vestir à condução da sua actividade no consultório, onde aplicava todos os meios que permitissem trabalhar com mais eficácia e com menor dispêndio de tempo. Desde o fecho “éclairé” nos fatos e sapatos, até ao registo ao “dictafone” dos seus relatórios ou o uso do microfone para transmitir dos solos escurecidos para serem dactilografados em

espaços iluminados as observações radioscópicas, tudo isso era usado como rotina.

Era ao mesmo tempo um homem bondoso, dotado de bom coração, ao contrário do que poderia parecer numa análise superficial.

A este propósito bastará lembrar os valiosos legados que fez a todos as instituições de solidariedade social da cidade onde nasceu e os modos diversos como os distribuiu; lembrar ainda que criou na Faculdade de Medicina do Porto, o prémio Roentgen-Curie, destinado ao aluno que melhor aplicação mostrasse pelos estudos radiológicos, prémio criado em 1938 e para o qual mais tarde (1943) doou uma importância a partir de cujo rendimento o prémio fosse mantido após a sua morte, como ainda hoje acontece; lembrar ainda que outras dádivas fez à Faculdade, em aparelhagem; e lembrar finalmente, o modo generoso como recompensou aqueles que ao longo dos anos o serviam ainda na hora da morte.

* * *

Roentgen, muito pouco tempo depois da descoberta dos raios X, considerou que a nova radiação era inofensiva para o organismo, dado que os seus efeitos biológicos eram despre-zíveis, quando não nulos, o que parecia dispensar precauções. No entanto, cedo se reconheceu que assim não sucedia.

O primeiro alarme foi dado por Williams, radiologista de Boston, o qual afirmou em público que, dado o poder de penetração daquela radiação, ela devia ter efeito sobre o organismo e essa era a razão pela qual se protegia. Por tal afirmação foi considerado um “falso profeta”.

No entanto, a breve prazo verificou-se que tinha razão. Com efeito, logo começaram a aparecer as primeiras epilações, as quais constituíam a primeira alteração biológica conhecida e que era devida às longas exposições nessa época necessárias para obter imagens demonstrativas.

Aconteceu, no entanto, que essas primeiras epilações foram temporárias e daí renasceu a esperança de que os raios se podiam manejar sem cautelas. E daqui a dedução imediata e apressada de que os raios poderiam substituir os “barbeiros”, aspecto anedótico que foi frequente, entre muitos outros, nos primeiros tempos após a descoberta. Porém, logo se verificou que os epilações podiam ser definitivas e se podiam acompanhar de radiodermite e de outros

padecimentos muito mais graves, os quais podiam mesmo ser de foro neoplásico.

Assim nasceu a certeza da necessidade de tomar precauções severas para evitar a acção deletéria das radiações.

Ora acontece que Roberto de Carvalho não ignorava estes factos, desde quando começou a dedicar-se à radiologia, fase em que persistiam apenas algumas interrogações, mas a verdade é que o seu entusiasmo levava-o a esquecer os medidas de protecção.

Durante os anos do nosso convívio raras vezes recorreu ao uso do avental plumbíneo e as luvas de protecção 96 excepcionalmente as utilizou.

É certo que o avental dos seus primeiros tempos de radiologista não convidava à sua utilização, dado o seu elevado peso, peso que era a sua maior virtude.

Também a protecção das mãos era frequentemente desprezada, pelo desejo de sentir com as mãos desnudadas o resultado da palpação, que podia ser muito informativo, Ora, o uso das luvas de protecção impedia que a mesma palpação fosse esclarecedora. Daqui, as suas mãos apresentarem alterações de radiodermite de cicatrização muito difícil ou mesmo impossível, alterações que por certo escondiam já verdadeiras degeneres-cências malignas. Mãos, sobretudo a direita, em que usava com frequência uma luva de pano fino para conter as pomadas com que tentava lutar contra os ulcerações existentes.

Também a sua face apresentava telangiequetasias, igualmente produto das radiações.

Os estragos vasculares que afectavam o seu organismo a vários níveis – olhos, rins e finalmente o cérebro – tinham por certo relação com o efeito maléfico dos radiações. Mas não se conclua do que digo que não poderia a sua morte precoce surgir, se acaso se tivesse dedicado a outro tipo de trabalho. Não há porém dúvida, que as radiações derem contributo para o seu fim prematuro.

Apesar de reconhecer as alterações que apresentava, não se lhes referia, suportando-as com verdadeiro estoicismo.

Roberto de Carvalho foi um daqueles homens que contribuíram para a glória da Nação dado que, como sentenciou o famoso médico Ribeiro Sanches, séculos atrás, ao dizer que a glória dos reinos não

resulta dos exércitos que possuem ou das riquezas materiais de que gozam, mas sim da educação dos seus monarcas e dos seus súbditos, como noutra oportunidade recordei.

Procurei ao longo desta sumária exposição recordar a figura notabilíssima do Prof. Doutor J. Roberto de Carvalho, cujos predicados, na síntese feliz do Prof. Francisco Gentil, que sempre muito o admirara, predicados que se podiam resumir dizendo que nele “estavam reunidos todos os técnicos necessários num serviço de Radiologia: o homem de ciência, o prático, o mecânico, o técnico de aparelhagem, o fotógrafo e acima de todos eles o inventor para corrigir faltas e simplificar o trabalho”.

Acrescentarei apenas a esta expressiva síntese, que era, tal como Roentgen havia sido e em cuja biografia, que tão bem conhecia, talvez se haja inspirado, um trabalhador perseverante, como me foi dado observar durante os anos inesquecíveis do nosso convívio. Devo mesmo confessar que precisei de um certo treino, para me habituar ao seu ritmo de trabalho, apesar de nossa diferença de idade.

A cidade de Guimarães, deu ao professorado da Faculdade de Medicina do Porto, no último quarto do século passado, três dos mais ilustres dos seus filhos, todos eles com passagem terrena relativamente curta e que foram, pelo ordem de seu nascimento, João de Meira (31/7/1881), Abel Salazar (19/7/1889) e Roberto de Carvalho (3/5/1893).

João de Meira, desaparecido aos 32 anos apenas, deixou memória nos domínios de literatura e da história médica, contribuindo para manter a tradição que já nesta escola existia; Abel Salazar, notável histologista, cultor de várias modalidades das artes plásticas, de entre as quais apreciado pintor, crítico de arte, literato e apaixonado por temas filosóficos, falecido em 1946 com 57 anos, quando muito haveria ainda a esperar das suas variadas aptidões; e Roberto de Carvalho, que foi, além de mais, notabilíssimo médico-radiologista, falecido aos 51 anos de idade, em plena capacidade intelectual e em cuja especialidade não só brilhou na prática clínica, como sucedeu de ter dado notável impulso à radiologia nacional. Que oportuna data esta para atribuir o seu nome ao novo Hospital de Guimarães, se não houvesse já sido tomada decisão a tal respeito!

PROF. DOUTOR ROBERTO DE CARVALHO

1

O Prof. Doutor Roberto de Carvalho, aos 47 anos de idade, aproximadamente.
Fotografia obtida pelo Dr. Carlos Rebelo.

2

Curso médico a que pertenceu Roberto de Carvalho (1917-1918), o qual se vê na 2ª fila, sentado, ocupando o 4º lugar, tendo à sua direita, na Segunda posição, o que viria a ser o Prof. Doutor Manuel Cerqueira Gomes. Nesta imagem figuram outros futuros médicos, que exerceram a sua profissão, alguns com muito brilho, no Porto e no Norte do país.

3

Frontispício da tese de doutoramento de Roberto de Carvalho.

4

Certificado do estágio em Bordéus, em 1920, passado pelo Prof. Bergonié.

5

Frontispício da 1^a lição de Roberto de Carvalho ao curso de 1926-1927, curso em que se iniciou o ensino da Radiologia na Faculdade de Medicina do Porto.

6

Frontispício da separata “Sobre Microgastrias” e
“Sobre Esteroradiografia”, do Boletim Clínico do
Hospital de Santo António – 1928.

arães, se não

PROF. DOUTOR ROBERTO DE CARVALHO



O Prof. Doutor Roberto de Carvalho, aos 47 anos de idade, aproximadamente. Fotografia obtida pelo Dr. Carlos Rebelo.



1917-1918),
à sua direita,
Miguel Cerqueira
que exerceram
o porte do país.

ALBANO RAMOS

JOAQUIM ROBERTO CARVALHO

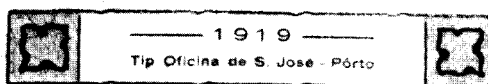
O valor da radiologia ureteropielorrenal

TESE DE DOUTORAMENTO

— — — APRESENTADA A — — —

Faculdade de Medicina do Porto

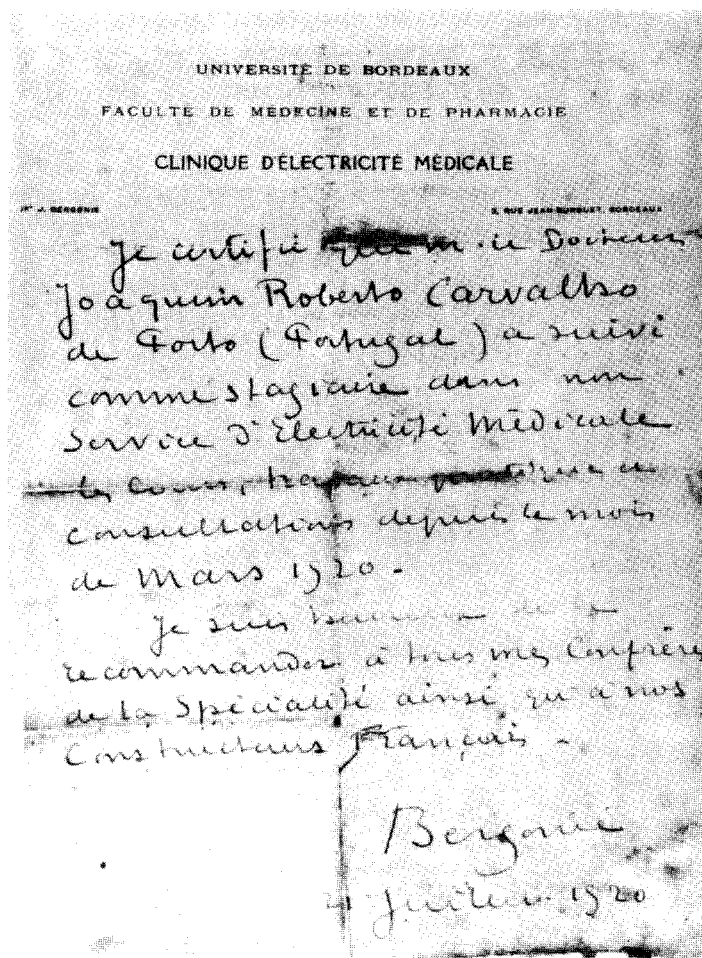
1917 - 1918



Frontispício da tese de doutoramento de Roberto de Carvalho.



Curso médico a que pertenceu Roberto de Carvalho (1917-1918), o qual se vê na 2ª fila, sentado, ocupando o 4º lugar, tendo à sua direita, na Segunda posição, o que viria a ser o Prof. Doutor Manuel Cerqueira Gomes. Nesta imagem figuram outros futuros médicos, que exerceram a sua profissão, alguns com muito brilho, no Porto e no Norte do país.



Certificado do estágio em Bordéus, em 1920, passado pelo Prof. Bergonié.

REVISTA DE
GVIMARÃES

ROBERTO CARVALHO
MÉDICO RADIOLOGISTA NO PORTO

LIÇÃO DE ABERTURA DO CURSO
DE RADIOLOGIA
NA FACULDADE DE MEDICINA DO PORTO

1926-1927

1927
PAPELARIA MODELO
GUIMARÃES, LIMA & C.^ª, L.^{da}
Largo dos Loios, 76
PORTO

Frontispício da 1ª lição de Roberto de Carvalho ao
curso de 1926-1927, curso em que se iniciou o ensino da
Radiologia na Faculdade de Medicina do Porto.



Frontispício da separata “Sobre Microgastrias” e
“Sobre Esteroradiografia”, do Boletim Clínico do
Hospital de Santo António – 1928.